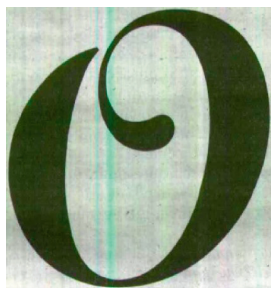


Fernando Pessoa

o eterno desconhecido

POR **Joana Emídio Marques**

Cada vez que se conta a vida de alguém estabelecem-se fronteiras, delimitam-se territórios. É o que fazem as biografias, por isso ficam tantas vezes num limbo entre o real e a ficção. Quando o biografado é um génio com uma vida discreta como foi Pessoa, essa tarefa torna-se quase impossível. O exemplo é a obra 'Fernando Pessoa, Uma quase Autobiografia', do brasileiro José Paulo Cavalcanti Filho. O sucesso que teve junto do público não evitou duras críticas dos pessoanos portugueses. Será possível biografar um poeta que insiste em ser desconhecido?



S POETAS não têm biografia. A sua obra é a sua biografia", escreveu o poeta mexicano Otávio Paz⁽¹⁾ a propósito de Fernando Pessoa, cuja vida parece não ter nada de surpreendente para além da obra. Porém, essa existência sombria parece constituir um mistério que muitos se sentem tentados a desvendar. O último a cair na tentação foi o advogado e ex-ministro brasileiro José Paulo Cavalcanti Filho, na obra *Fernando Pessoa: Uma quase Autobiografia* (Porto Editora). O livro abriu uma acesa polémica entre autor e os estudiosos portugueses sobre a veracidade dos factos apresentados. Quando passam 125 anos sobre o seu nascimento, Fernando Pessoa continua a fingir tudo e todos sendo como sempre foi: "um outro" de si mesmo.

Num tempo ávido por decifrar todos os mistérios, abrir todos os túmulos, exibir todas as intimidades, estes artistas tornam-se figuras altamente apelativas para a indústria das biografias. Para isso é indispensável travestir as suas vidas com pormenores pi-

cantes e dar-lhe etiquetas com adjetivos que façam salivar os *voyeurs*.

E aquilo que pode ter sido apenas uma existência banal ganha contornos de filme policial, com estudiosos e admiradores a seguirem os vestígios do artista para tentarem explicar a (sempre) inexplicável singularidade de cada vida humana.

O livro de José Paulo Cavalcanti Filho promete dar a conhecer o homem por detrás da obra. Por isso, o autor assume: "Fazer uma biografia não é fazer uma autópsia. Eu quis explorar o belo que há em Pessoa e sinto que está dentro da minha cota de liberdade que está dentro da minha cota de liberdade poder fazê-lo de forma a tornar o livro apelativo para os leitores." Opinião contrária têm os académicos Teresa Rita Lopes⁽²⁾ e Richard Zenith⁽³⁾ que são unânimes em afirmar que as teses apresentadas por Cavalcanti "não têm qualquer sustentação real".

Desde a morte do poeta, a 30 de novembro de 1935, que quase tudo o que é produzido sobre ele está envolvido em polémica, desde as edições críticas da obra à organização dos cerca de 30 mil documentos que deixou na arca, até à venda do espólio (do qual José Paulo Cavalcanti Filho é proprietário de uma parte considerável. Na tarde em que o DN falou com ele, o advogado brasileiro tinha em Lisboa a filha, que se preparava para adquirir em leilão a máquina de escrever e uma secretária pertencentes ao poeta).

"Anglómano, míope, cortês, fugidio, vestido de escuro, reticente e familiar, cosmopolita, nacionalista, investigador solene de coisas fúteis, humorista que nunca sorri e nos gela o sangue, inventor de outros e destruidor de si mesmo, autor de paradoxos claros como a água quem é Fernando Pessoa?", pergunta-se Otávio Paz, no final de uma tentativa para descrever esse homem "misterioso que não cultiva o misté-



'Fernando Pessoa, Uma quase Autobiografia'

José Paulo Cavalcanti Filho
Porto Editora, 712 págs.
ISBN:978-972-0-04410-5
38,16 euros

rio. Taciturno fantasma do meio-dia português"⁽⁴⁾.

Esta imagem é agora posta em causa no livro de José Paulo Cavalcanti Filho que nos dá conta de um Pessoa que, apesar das poses modestas, gostava de se vestir nas lojas mais caras, tinha óculos com a graduação inadequada para não usar lentes grossas, gostava de ensofado de camarão e sonhava ganhar o Prémio Nobel e frequentava bordéis. "Para que é que isto serve?", pergunta Zenith. "O interesse deste homem não reside nestas anedotas, o que é verdadeiramente fascinante nele são outras coisas", continua antes de acusar o escritor brasileiro de insistir em contar coisas "erradas" como a história das dioptrias. "Quando saiu a primeira edição brasileira, alertei José Paulo Cavalcanti Filho para esse erro, porque em Portugal e no Brasil há formas diferentes de linguagem. Aquilo que ele aponta como 13 graus de miopia é na verdade o grau de inclinação das lentes", explica. O académico também não acredita que Pessoa frequentasse bordéis, algo que para Teresa Rita Lopes é uma hipótese "para a qual se inclina"

A contradição como única coerência

A criação de uma obra de fôlego universal e uma travessia terrestre apagada e breve aproximam Pessoa de outros dois gênios seus contemporâneos: o checo Franz Kafka (1883-1924)⁽⁵⁾ e o suíço Robert Walser (1878-1956)⁽⁶⁾. O primeiro faleceu com apenas 39 anos, vítima de tuberculose. O segundo viveu os últimos 30 anos da vida internado num hospital psiquiátrico. Em todos eles encontramos uma vida interior riquíssima que não se materializa em ações grandiloquentes mas em palavras. As suas vidas construídas fora dos itinerários principais, as suas dificuldades sociais e afetivas não parecem ser alimentadas por qualquer revolta mas, sim, por uma modestia parecida com desdém. E o que verdadeiramente os interessava eram as pequenas insignificâncias onde o universo se revela em todo o seu esplendor.

O poeta nasceu e morreu em Lisboa. Tinha somente 47 anos, grande parte dos quais devotou à escrita. Em vida publicou apenas um livro, *Mensagem*⁽⁷⁾, e mais alguns poemas e contos em jornais e revistas. Só o seu restrito grupo de amigos parecia conhecer e reconhecer o seu talento. Pessoa escrevia não como sendo um, não fechado dentro da sua identidade, mas como sendo muitos, numa invenção constante. Os heterônimos⁽⁸⁾ não são por isso uma mera “máscara literária”, são uma “escrita feita fora da sua pessoa”, lembra o poeta mexicano.

A heteronímia, não sendo o mais relevante da genialidade pessoana, é um dos aspectos que mais atrai leitores, críticos, biógrafos que, como aponta Helder Macedo⁽⁹⁾, do Kings College em Londres, “tendem a ficar presos no feitiço dos heterônimos e desenvolvem uma espécie de mania que não lhes permite entender o poeta para lá desta dimensão”.

Encontrar novos personagens além dos conhecidos Alberto Caeiro⁽¹⁰⁾, Álvaro de Campos⁽¹¹⁾, Ricardo Reis⁽¹²⁾ e Bernardo Soares⁽¹³⁾ parece ser uma demanda cumprida por todos os que se aventuram na obra do poeta. José Paulo Cavalcanti Filho afirma ter reunido 207. Teresa Rita Lopes, 75. O filósofo e ensaísta Eduardo Lourenço⁽¹⁴⁾, também ele um estudioso de Pessoa, considera que “é a existência de uma obra escrita que determina e valida a existência de heterônimos e não o contrário”, o que reduz bastante a lista.

Apesar de reconhecer que os “realmente importantes” são os cinco heterônimos mais conhecidos e que “em última instância o mais importante mesmo é Fernando Pessoa”, José Paulo Cavalcanti Filho diz que reuniu as 207 personagens “por mera curiosidade”, uma vez que ele “possui documentos do espólio a que os outros investigadores não têm acesso”.

Para falar sobre este tema, Teresa Rita Lopes usou o blogue *Pátria Língua Portuguesa* e escreveu um texto colocando-se na pele de Álvaro de Campos. Neste texto, a docente não poupa José Paulo Cavalcanti Filho ao seu sarcasmo: “Como é que o senhor faz aparecer Fernando Pessoa como heterônimo de si próprio (é o n.º 44)? E acrescenta mais dois à lista: Fernando António (n.º 41) e F. Nogueira Pessoa (n.º 37)? Ah! ainda mais ou-

tro: Ferdinand Sumwan, n.º 40, (personagem de um drama *Ultimus Jocularum* que o Fernando explica, e o Sr. repete, ser ele próprio). Sugiro-lhe que some mais um: Fernando Pessoa, antes de ele ter retirado ao seu nome, em 1916, o acento circunflexo! Veja se percebe de uma vez por todas que o que o Sr. faz é colecionar os nomes próprios que encontra nos textos do Fernando!”

José Paulo Cavalcanti Filho responde no blogue “Um Fernando Pessoa”, afirmando que a professora “usa uma linguagem própria de estudantes” e que não será por acaso que esta escolhe assumir a personalidade de Álvaro de Campos, pois a própria Ophélia Queiroz⁽¹⁵⁾ dizia que Pessoa, quando se apresentava como Álvaro de Campos, “portava-se de uma maneira totalmente diferente. Destrambado. Dizendo coisas sem nexo.” O próprio Pessoa se queixou, em carta a Gaspar Simões⁽¹⁶⁾, dos “desvarios do engenheiro”.

As trocas sarcásticas entre José Paulo Cavalcanti Filho e Teresa Rita Lopes prosseguem neste tom, em que os diferendos intelectuais ameaçam tocar o insulto pessoal.

Quando, na noite de 8 de março de 1914, o poeta se “acercou da cômoda alta” e, “tomando um papel”, escreveu “de pé” trinta e tantos poemas “a fio numa espécie de êxtase” cuja natureza nunca conseguirá “decifrar” e fazia nascer “alguém” a quem deu o nome de Alberto Caeiro, estava longe de imaginar que quase cem anos depois se trocariam insultos em jornais e blogues sobre as suas fantasmagorias.

A imaginação prodigiosa, a sua necessidade de criar ficções e de viver outras vidas na pele de personagens substancialmente diferentes dele próprio. As noites sem sono em quartos alugados de Lisboa com a mente a fervilhar de ideias, de palavras, de sonhos que não cabiam num só corpo nem numa só vida transformaram-se em poucos anos numa das obras poéticas mais singulares jamais produzidas. A autenticidade destes heterônimos “depende da sua coerência poética, da sua verosimilhança. Eles foram essenciais para o poeta, mas hoje serão necessários para nós?”, questiona-se Octávio Paz, deixando, afinal, aos leitores a tarefa de descobrirem esses outros “eus” de Fernando Pessoa para quem a contradição era a única forma de coerência possível.

“Queriam-me casado, quotidiano e fútil”

A sexualidade, a vida amorosa do poeta (ou a falta dela), as relações familiares e o alcoolismo muito têm servido para fabricar e alimentar o mito. José Paulo Cavalcanti Filho vem deitar mais umas achas para a fogueira ao falar na “homossexualidade não consumada” do poeta. Esta ideia não é propriamente uma novidade, uma vez que a obra poética de Álvaro de Campos e algumas passagens do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, revelam claramente esse ideário.

“Isto não significa que o próprio Pessoa fosse homossexual”, lembra Teresa Rita Lopes, que volta a acusar José Paulo Cavalcanti Filho de não saber “ler” o poeta e de não compreender que “aquilo que escreviam e pensavam os heterônimos não era aquilo que pensava ou fazia Fernando Pessoa”. E noutro texto, escrito no mesmo blogue, dirige-se a José Paulo Cavalcanti Filho: “Tenho de reconhecer que é um gesto de grande coragem, visto que o apresenta como bêbado e

Quando passam 125 anos sobre seu nascimento, Fernando Pessoa continua a fingir tudo e todos sendo como sempre foi: “um outro” de si mesmo

Num tempo ávido por decifrar todos os mistérios, abrir todos os túmulos, exibir todas as intimidades, estes artistas tornam-se figuras altamente apelativas para a indústria das biografias. Para isso é indispensável travestir as suas vidas com pormenores picantes e dar-lhe etiquetas com adjetivos que façam salivar os ‘voyeurs’

A sexualidade, a vida amorosa do poeta (ou a falta dela), as relações familiares e o alcoolismo muito têm servido para fabricar e alimentar mito. Cavalcanti vem deitar mais umas achas para a fogueira ao falar na “homossexualidade não consumada” do poeta. Uma tese que não é nova

homossexual, embora honestamente confesse a sua fracassada tentativa de encontrar alguma prova documental quanto ao último ponto.”

Em entrevista ao DN, o ex-ministro brasileiro explica que o namoro com Ophélia Queiroz teria levado Pessoa a “sublimar essa homossexualidade”, cujas referências vão gradualmente desaparecendo até dos poemas de Álvaro de Campos.

Nômade em si mesmo, viajante incansável por vidas alheias, Pessoa raras vezes saiu de Lisboa (com exceção da adolescência passada em Durban, África do Sul). Mesmo dentro da cidade, as suas geografias eram exigüas e rituais. Passavam obrigatoriamente pela baixa da cidade, os cafés Martinho, Brasileira e Martinho da Arcada. O mais longe que ia era ao Estoril visitar a irmã. Porém, com as suas personagens empreendeu viagens longínquas, frequentou as mais excitantes capitais do mundo, foi *dandy* e vagabundo na pele do engenheiro “sensacionista”⁽¹⁷⁾ Álvaro de Campos. Foi um sábio antigo como o mundo na pele de Alberto Caeiro. Foi um eremita estoico e conhecedor da literatura clássica em Ricardo Reis. Com Bernardo Soares, despenha-se nos abismos do pensamento.

O que é que sobra então para os espectadores contemporâneos ávidos de *reality shows*? Um homem sem história com um vago namoro, sem aventuras sexuais e com uma vida dedicada ao intelecto. Essa palavra que hoje ganhou um sentido pejorativo e que muitos hoje consideram uma coisa risível, quase abjeta.

José Paulo Cavalcanti Filho, apesar de se declarar um apaixonado por Pessoa, considera que para contar a história da vida do poeta teve de “usar a imaginação para a qual a obra de Pessoa convoca os leitores”, caso contrário “o livro não teria público”.

Ora, as liberdades poéticas de José Paulo Cavalcanti Filho foram precisamente aquilo que enfureceu os estudiosos portugueses. “Ele não resiste à tentação de colocar coisas que sabe não serem verdade apenas para que o livro tenha mais interesse”, aponta Zenith, enquanto Teresa Rita Lopes vai mais longe e acusa o biógrafo brasileiro de mentir para dar à vida do poeta uma tonalidade de escândalo: “Fiquei a saber que o biógrafo conseguiu acesso a duas cartas da Ophélia ‘censuradas’, diz ele, isto é, não publicadas pela sobrinha do Fernando, sua proprietária, na esperança de encontrar uma revelação importante: ‘um aborto, por exemplo’. Oh Senhor Dr. ex-ministro: então diz que o Fernando morreu virgem (‘Ele nunca teve mulher ou homem’) e admite que tenha engravidado a Ofélia?”

Fernando Pessoa, que sempre duvidou da realidade das coisas, havia de arrepiar-se com esta novela hiper-real em que se tornou a sua vida.

“Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável? Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa? Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade. Assim, como sou, tenham paciência! Vão para o diabo sem mim. Ou deixem-me ir sozinho para o diabo! Para que havemos de ir juntos? Não me peguem no braço! Não gosto que me peguem no braço! Quero ser sozinho. Já disse que sou sozinho! Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!”⁽¹⁸⁾

Ophélia Queiroz é uma jovem de 19 anos quando começa a trabalhar na mesma casa



Última foto do poeta, tirada meses antes de morrer. DIREITOS RESERVADOS



Pessoa com o amigo Costa Brochado no Martinho da Arcada. ARQUIVO DIN



Foto no verso da qual Pessoa escreveu "em flagrante delicto". ARQUIVO DIN



Pessoa (à esquerda) com Moitinho de Almeida, dono da firma na qual o poeta trabalhava, e um casal estrangeiro. ARQUIVO DIN



Fernando Pessoa, em 1914, com apenas 26 anos. ARQUIVO DIN



Em Durban, quando o poeta tinha 10 anos. ARQUIVO DIN

comercial onde se empregava Pessoa. Este encontro complexo e fugaz vai, contudo, abrir-lhe as portas da posteridade, e a sua figura vaga, quase tão incorpórea como o poeta, acaba por estar eterna e indelevelmente ligada à vida deste.

Apesar da curta duração do romance, quase todo ele feito das famosas e "ridículas" cartas de amor trocadas entre os dois, José Paulo Cavalcanti Filho vem contar que, não obstante a separação, os laços entre o casal se prolongaram para além da morte. E neste ponto a polémica com os estudiosos de Pessoa volta a estalar.

Segundo o livro de José Paulo Cavalcanti Filho, Ophélia teria estado a velar o corpo morto do poeta no Hospital de São Luís nessa longínqua noite de 30 de novembro de 1935. Quando saiu, as freiras ter-lhe-ão dado o livro que Pessoa tinha no bolso do pijama: uma edição dos sonetos de Bocage⁽⁹⁾.

Além de considerar muito "improvável" que as freiras do hospital soubessem da antiga paixão do poeta e lhe tivessem telefonado a meio da noite para que ela pudesse "despedir-se", Richard Zenith afirma que o referido livro esteve no espólio da biblioteca de Fernando Pessoa, pelo que não podia estar com Ophélia (segundo José Paulo Cavalcanti Filho, a antiga namorada de Pessoa tê-lo-á oferecido depois a um jornalista brasileiro que veio a Lisboa fazer um documentário). Sobre o mesmo tema, Rita Lopes afirma: "O Fernando foi assistido até aos seus últimos momentos, no Hospital São Luís, pelo primo médico Jaime Neves, que, mes-

mo que não fosse primo, não ia permitir que alguém ficasse toda a noite, 'até ao nascer do dia', a namorar com um cadáver. Essa gótica prática seria, admito, 'de um romantismo incrível', mas, convenhamos, pouco corrente nos nossos prosaicos hospitais."

Fernando Pessoa na praça pública

Quando colaborava na revista *Águia*, escreveu um texto que muito significativamente intitulou de *Na Floresta do Alheamento*. O tema da alienação, da busca de si mesmo num conjunto de criaturas, semisseres, simultaneamente presentes e ausentes, são a argamassa da sua obra.

Hoje, Fernando Pessoa já não é propriamente um ilustre desconhecido, e a prova é o sucesso de vendas de quase tudo o que é publicado de e sobre o poeta. O livro de José Paulo Cavalcanti Filho já arrebatou dois dos três mais importantes prémios literários brasileiros. No Brasil, a obra já vendeu 30 mil exemplares em apenas quatro meses e em Portugal foi o livro mais vendido pelo grupo Porto Editora na Feira do Livro de Lisboa. O *Libro do Desassossego*, organizado por Richard Zenith, terá vendido cerca de cem mil exemplares em 14 anos. O que para este estudioso norte-americano "é um número muito bom" e mostra que "Pessoa continua vivo", e isso "é mais importante do que tudo o resto", declara.

O poeta que morreu só e com apenas um livro publicado (porque ficou em segundo

lugar num concurso) é hoje um sucesso junto do público, não apenas em Portugal e no Brasil mas em todo o mundo. É figura central de filmes, exposições, é citado, glosado, imitado milhares de vezes por dia, tem até uma página no Facebook em seu nome. Mas, apesar de todo este aparato, será que conhecemos Fernando Pessoa?

Teresa Rita Lopes, autora de uma das primeiras teses de doutoramento que se fizeram sobre o poeta (defendida em Paris em 1975), considera que o poeta "está encerrado nos clãs e nos grupos de interesse tipicamente portugueses, nomeadamente no circuito académico. Esta docente lembra o que aconteceu com a exposição "El Eterno Viajero", organizada, em 1983, pelo Instituto do Livro e António Alcáda Baptista, que se realizou em Madrid e em Brasília "e que nunca passou por Lisboa para não fazer "sombra à fotobiografia de Pessoa, feita por Maria José Lancastre e publicada por Vasco Graça Moura na Imprensa Nacional".

José Paulo Cavalcanti Filho também considera que em Portugal "há um grupo que se julga dono do Pessoa e não aceita nada que não corrobore as suas teses e não lhes faça vénias". Por isso garante que "escreveu o livro que, enquanto admirador de Pessoa, sonhava um dia poder ler". Um livro, continua, "para que outros possam descobrir o belo".

Já Zenith diz que Pessoa "não precisa de qualquer promoção nem de governos, nem de instituições". Até porque a obra dele dificilmente se presta a "papéis oficiais". Mes-

mo a *Mensagem* tem um carácter de tal forma esotérico que torna impossível classificá-lo como um poema patriótico. "Pessoa contradiz-se e está sempre em transformação, é um autor vivo e nunca será possível aprisioná-lo numa qualquer biografia. E, mesmo que se tentem manipular os factos, ele acabará sempre por escapar."

De quem se fala quando se fala de Pessoa? Dele ou de um outro? Ele mesmo se questionava: "Porquê, enganado, julgo que é meu o que é meu?" Talvez por isso seja outro poeta a escrever um dos textos mais brilhantes que se produziram sobre o autor português: o opúsculo "Fernando Pessoa, o Desconhecido de Si Mesmo" (editora Vega). Nessa deambulação breve pela vida e obra do poeta, Octávio Paz conclui: "O mundo de Pessoa não é nem este mundo nem o outro [...] as pedras dizem algo, o vento diz, a janela iluminada e a árvore solitária da esquina dizem, tudo está a dizer alguma coisa, não isto que digo mas outra coisa, sempre outra coisa [...] E não aparece o outro, o duplo, o verdadeiro Pessoa. Nunca aparecerá, não há outro. É o que não tem nome. O que não se diz. É a poesia? Não. A poesia é o que fica e nos consola. Pessoa é a iminência do desconhecido."



- (1) **Octávio Paz** – poeta, recebeu o Prémio Nobel da Literatura de 1990. Escritor ensaísta prolífico cuja obra abarcou vários géneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos.
- (2) **Teresa Rita Lopes** – estudiosa da obra de Pessoa, ensaísta e docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- (3) **Richard Zenith** – estudioso da obra de Fernando Pessoa e organizador da edição do Livro do Desassossego.
- (4) **Fernando Pessoa**, o Desconhecido de Si Mesmo: opúsculo de Octávio Paz sobre Fernando Pessoa.
- (5) **Franz Kafka** – ficcionista checo, autor de *A Metamorfose*, *O Castelo*, *O Processo*.
- (6) **Robert Walser** – escritor suíço, autor de obras como *A Branca de Neve*, *A Rosa*, entre outros.
- (7) **Mensagem** – Livro de poemas de Fernando Pessoa, no qual faz uma interpretação ocultista e simbólica da história de Portugal.
- (8) **Heteronímia** – quando o autor assume outras personalidades como se fossem pessoas reais.
- (9) **Hélder Macedo** – docente de Literatura Portuguesa no Kings College da Universidade de Londres.
- (10) **Alberto Caeiro** – heterónimo de Fernando Pessoa
- (11) **Álvaro de Campos** – heterónimo de Fernando Pessoa; engenheiro naval.
- (12) **Ricardo Reis** – heterónimo de Fernando Pessoa; médico e autor de Odes.
- (13) **Bernardo Soares** – semi-heterónimo de Fernando Pessoa ao qual é atribuído o fragmentário Livro do Desassossego.
- (14) **Eduardo Lourenço** – ensaísta e filósofo português com uma vasta obra produzida em torno da obra de Fernando Pessoa.
- (15) **Ophélia Queiroz** – namorada de Fernando Pessoa
- (16) **Jódo Gaspar Simões** – historiador da literatura, foi amigo de Fernando Pessoa e o primeiro estudioso e divulgador da sua obra.
- (17) **Sensacionismo** – movimento poético criado por Fernando Pessoa e materializado na poética de Álvaro de Campos.
- (18) **Lisbon Revisited** – poema escrito em 1923 e atribuído ao heterónimo de Fernando Pessoa
- (19) **José Maria Barbosa du Bocage** – poeta português do século XVIII.